

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE: REFLEXÕES E IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE

Letícia de Abreu Silva¹

Estela Aparecida de Oliveira Vieira²

RESUMO

O TDAH afeta diretamente o aprendizado da criança e o seu rendimento escolar, dessa forma, é necessário conhecer os seus principais sintomas: desatenção, hiperatividade e impulsividade, suas características, causas, diagnósticos e a sua implicação no ambiente escolar. É um tema pertinente a ser investigado, possui relevância social, pois interfere na estrutura, dinâmica e comportamento familiar e reflete nas relações sociais com a comunidade escolar. Essa pesquisa bibliográfica possui o objetivo de identificar o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem e refletir sobre a metodologia a ser aplicada para lidar com esses alunos, apresentando intervenções e orientações. Os resultados obtidos apresentaram uma proposta de ação envolvendo práticas pedagógicas e atividades com o intuito de auxiliar os professores e facilitar a aprendizagem do aluno com o transtorno. O TDAH precisa da colaboração das partes envolvidas, incluindo a própria criança, os pais e a equipe multidisciplinar (psicólogo, professor, psicopedagogo, fonoaudiólogo e médico) e da combinação do trabalho de todos.

Palavras-chave: Educação; Professor regente; Processo de ensino-aprendizagem; TDAH.

ABSTRACT

ADHD directly affects the child's learning and school performance, so it is necessary to know its main symptoms: inattention, hyperactivity, and impulsivity, its characteristics, causes, diagnoses, and its implication in the school environment. It is a pertinent topic to be investigated that it has social relevance, as it interferes in the structure, dynamics, and family behavior and reflects in the social relations with the school community. Thought, bibliographic research to identify the role of the conducting teacher in the teaching-learning process that reflects on the methodology to be applied to deal with these students, presenting interventions and guidelines. The results demonstrated a proposal for action involving pedagogical practices and activities to assist teachers and facilitate student learning with the disorder. ADHD needs the joint effort of the parties involved, including the child himself, the parents, and the multidisciplinary team (psychologist, teacher, psycho pedagogue, speech therapist, doctor) and the combination of everyone's work.

Keywords: Education; Conducting teacher; Teaching-learning process; ADHD.

¹Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: letiiciaabreu.s@gmail.com

² Orientadora, e-mail: estela.ap.o.vieira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

De acordo com a Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA), o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)³ é um transtorno com forte influência neurobiológica e com etiologia multifatorial, possui causas genéticas e ambientais que influenciam na manifestação do transtorno, que surge na infância e acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Segundo Marzocchi (2004, p. 8), TDAH pode ser definido como:

Um distúrbio evolutivo do autocontrole de origem neurobiológica, que interfere no desenvolvimento psicológico normal da criança e dificulta o desenrolar das atividades cotidianas comuns: ir à escola, brincar com os colegas, conviver serenamente com os pais e, em geral, inserir-se normalmente na sociedade.

Especialistas afirmam que o TDAH ocorre por causas genéticas, sendo necessário ser estimulada a realizar atividades precocemente que consideram prazerosas, mantendo a atenção por um período de tempo maior, contudo, é importante evitar estímulos ambientais para que não influencie e resulte em dispersão (RAMOS; ACIOLI, 2020). Os principais sintomas desse transtorno são: desatenção, hiperatividade e a impulsividade que afetam diretamente na capacidade de concentração, ou seja, dificulta o aprendizado (ABDA, 2017).

A prevalência mundial do TDAH é de cerca de 5,29% em crianças e adolescentes, que têm o seu desempenho acadêmico prejudicado e na maioria das vezes não sabem que possuem o transtorno (AZEVEDO *et al.*, 2009). Desta forma, é importante que o educador seja capaz de identificar o TDAH e qualquer outro problema relacionado a aprendizagem do estudante para poder ajudá-lo, bem como instruir a família a procurar ajuda especializada.

O TDAH é um tema pertinente a ser investigado, assunto atual e complexo na área da educação. Possui relevância social, pois interfere na estrutura, dinâmica e comportamento familiar e reflete nas relações sociais com a comunidade escolar. Dessa forma, torna-se importante a busca de subsídios para orientação de pais e professores de crianças que possuem esse transtorno, instruir sobre a necessidade de buscar um profissional qualificado para realizar o diagnóstico e intervenção caso seja necessário, e instruir em como lidar com esse tipo de comportamento, visando o bem-estar e o desenvolvimento da criança. As pesquisas e estudos sobre o TDAH podem contribuir significativamente para os profissionais da educação e para as famílias de crianças com o transtorno (BENCZIK; CASELLA, 2015).

³CID 90 CID - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas de Saúde Relacionados. F90.0 - Distúrbios da atividade e da atenção

Pais e professores ficam completamente perdidos quando se deparam com situações cotidianas em que as crianças estão agitadas, inquietas e dispersas e acreditam que esse comportamento seja consequência de uma má educação, ou seja, na maioria das vezes a criança é julgada como indisciplinada. No entanto, há casos em que familiares e educadores não conseguem identificar a real causa do problema e acreditam que a desobediência é a razão do mau comportamento. De acordo com Rotta (2006, p.302): “é uma síndrome neurocomportamental, com três categorias de sintomas: desatenção, hiperatividade e impulsividade e se caracteriza por um nível inadequado de atenção, ocasionando distúrbios motores, perceptivos, cognitivos e comportamentais”.

Além dos sintomas mencionados acima, o Manual de Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – Quarta Edição (DSM-V) subdivide o TDAH em três subtipos de combinação que pode ser com predominância da hiperatividade ou com predomínio da desatenção ou uma junção de ambos. O diagnóstico do TDAH é realizado por profissionais da área da saúde mental utilizando os critérios descritos no DSM-V (APA, 2014), conforme demonstrado na Tabela 1.

Tabela 1 - Principais sintomas do diagnóstico de TDAH descritos pelo DSM-V.

Desatenção	Hiperatividade/Impulsividade
Prestar pouca atenção a detalhes e cometer erros por falta de atenção.	Mover de modo incessante pés e mãos quando sentado.
Dificuldade em se concentrar (deveres ou brincadeiras).	Responder as perguntas antes das mesmas serem concluídas.
Parecer estar prestando atenção em outras coisas numa conversa.	Correr ou trepar em objetos frequentemente, em situações nas quais isto é inapropriado.
Dificuldade de se organizar ou planejar com antecedência.	Parecer movido por um “motor” sempre “ligado”.
Relutância ou antipatia para fazer deveres de casa ou iniciar tarefas que exijam esforço mental por muito tempo.	Dificuldade de permanecer sentado em situações em que isso é esperado (sala de aula, mesa de jantar etc.).
Perder objetos ou esquecer compromissos.	Falar demais.
Distrair-se com muita facilidade com a sua volta ou com seus pensamentos.	Interromper frequentemente os outros em suas atividades ou conversas.
Esquecer coisas do dia a dia.	Não conseguir aguardar a sua vez.

Fonte: APA, 2014.

Como observado na Tabela 1, normalmente as crianças hiperativas correm, pulam em excesso, falam demais e não conseguem permanecer por longos períodos sentados e em silêncio, estão sempre gesticulando e em movimento com as mãos e pés. Sofrem constantes queixas da escola por causa do seu comportamento, são excluídos de eventos sociais ou são evitados pela própria família, isso porque a impulsividade é normalmente constante (APA, 2014).

Uma criança desatenta não se apega a detalhes e erra constantemente, distrai com facilidade, não conclui tarefas iniciadas e possui dificuldades com organização. De acordo com Rotta (2006), a pessoa com TDAH, na maioria das vezes mantém seu comportamento em qualquer local, ou seja, os sintomas ocorrem em diferentes ambientes. Reforça a atenção para o caso de os sintomas acontecerem em apenas um lugar, nesse caso é necessário considerar outros diagnósticos.

A diferença entre uma criança com TDAH e outra que não possui o transtorno não é perceptível na hora do recreio, quando é normal que todas as crianças estejam agitadas. Entretanto, ao final do recreio, após todas as crianças voltarem para a sala de aula é possível perceber que uma delas não consegue se aquietar e durante as aulas esse cenário permanece. É necessário observar com mais empenho seu comportamento. Levar em consideração outros sinais: é uma criança constantemente dispersa e incapaz de se concentrar, distraindo com mais facilidade que os demais alunos? A diferença está na quantidade, ou seja, tudo que uma criança com TDAH demonstra em seu comportamento as demais também apresentam, no entanto, a diferença é que nas crianças com TDAH esses comportamentos acontecem de forma frequente e acarreta prejuízos no âmbito escolar, familiar e social.

O professor, ao perceber alterações como desatenção, impulsividade, distúrbios motores e cognitivos, precisa prestar atenção no comportamento da criança. Pois, o TDAH é um transtorno do autocontrole que apresenta problemas com os períodos de atenção, com o domínio do impulso e com o nível de atividade (BARKLEY, 2002). Dessa forma, as crianças com TDAH são constantemente descritas como desligadas, desanimadas frente as tarefas, sem força de vontade e desorganizadas.

De acordo com Facion (2005) é necessário a escola se apropriar de uma filosofia inclusiva. Os seres humanos não possuem comportamentos iguais, podem até ter comportamentos socialmente esperados, no entanto, em alguns casos esses comportamentos não são intencionais. A escola enquanto espaço de socialização reflete expectativas e anseios da sociedade, o aprendizado sendo parte desse processo pede uma escola acolhedora, que

trabalhe a diversidade de forma flexível para que seja capaz de organizar e executar as mudanças necessárias para atender as particularidades do aluno.

Outro ponto importante é o papel do professor, como coloca Benczik (2010, p. 49):

Além da importância do estilo de interação que o professor estabelece com a criança e/o adolescente, é necessário também que ele tenha experiência, se recicle profissionalmente e que, também, aborde uma filosofia (abordagem) sobre o processo educacional. Ter informações de como o professor lida com as dificuldades de outras crianças, como encara o TDAH e se tem interesse em ajudá-las são questões que devem ser levantadas durante o processo de escolha do professor.

As crianças com TDAH possuem dificuldade de memorização de sequências, não observam detalhes, reincidem nos mesmos erros, perdem-se no passo a passo das fórmulas e nos conceitos de matérias decorativas. Portanto, é importante que a escola formule práticas e alternativas que facilitem a absorção dos conteúdos, promovendo assim um aprendizado significativo.

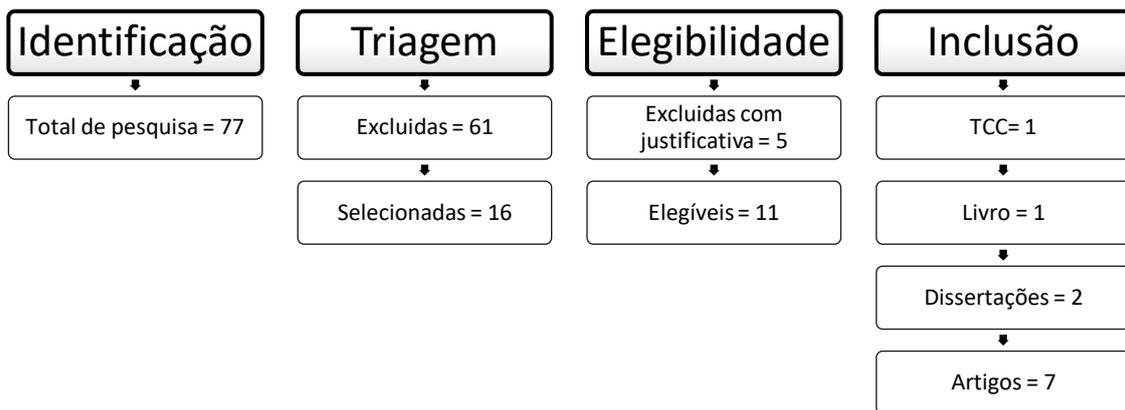
A didática em sala de aula deve buscar maneiras de envolver o aluno, acolhendo-o de forma que ele se sinta estimulado e encorajado. Colocar o aluno para sentar-se mais próximo do professor, relacionar o assunto da aula ao seu cotidiano, utilizar estímulos audiovisuais ou sensoriais e utilizando menos texto e cópia (NEUROSABER, 2016). Os meios de avaliação podem ser variados, utilizando a oralidade na resposta de questões, apresentações e discussões. Realizar provas mais objetivas, propor um momento de revisão ao final da avaliação para que o aluno tenha a chance de revisar o que foi feito e corrigir ou acrescentar algo.

As estratégias propostas são amplas, mas para entender como essa dinâmica se dá em sala de aula é necessário um olhar mais aproximado do contexto. Então, na busca de uma aproximação este estudo apresenta uma revisão sistemática da literatura, na qual procuraremos compreender o papel do professor regente no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Para tanto iremos conhecer as alterações comportamentais de crianças com TDAH apresentadas nos textos selecionados. Em seguida buscar ações, na prática pedagógica do professor, que visam alternativas para facilitar o desenvolvimento dos alunos. Para então refletir sobre a metodologia aplicada pelos professores em sala de aula.

2. METODOLOGIA

A revisão de literatura tem uma importante finalidade, a de colocar o pesquisador e o leitor em contato com artigos e textos atuais publicados sobre determinado assunto (VIEIRA, 2021). Para tal foi elaborado um protocolo de pesquisa (Figura 1) partindo do objetivo de compreender o papel do professor no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com TDAH que deu origem a questão norteadora: O TDAH afeta diretamente a aprendizagem do estudante. O que podemos fazer para facilitar esse aprendizado e apoiar pais e professores a lidarem com o transtorno?

Figura 1 - Fluxo de seleção do material de pesquisa



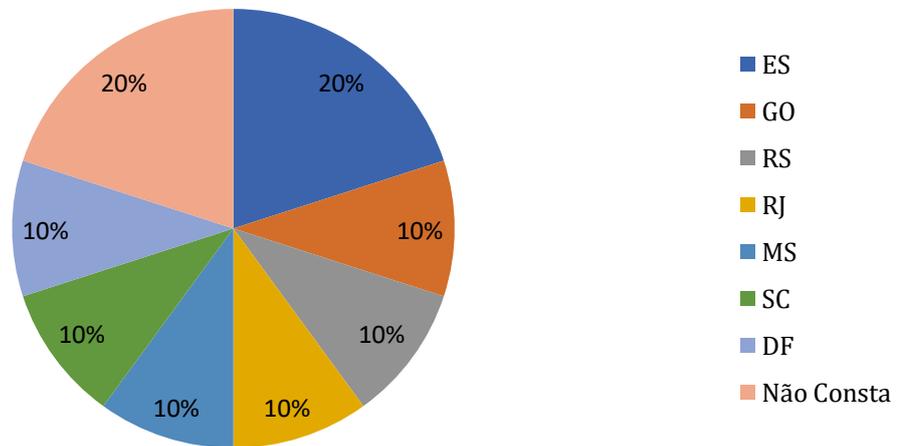
Fonte: elaborado pelas autoras.

Para compreender melhor sobre o tema escolhido foram utilizados recursos e estratégias para busca e seleção de pesquisas, nos quais foram definidos e selecionados com base em seis itens fundamentais: fontes de busca: Google Acadêmico; idioma: português; descritores: “Professor Regente”; “Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade”; operador booleano AND; data de publicação entre 2016 até 2020-08-18 e o material encontrado: artigos, livro, TCC e dissertações. A busca foi realizada em agosto e setembro de 2020 e com os critérios estabelecidos foi possível encontrar 77 artigos relacionados ao tema no Google Acadêmico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o método de análise de Bardin os artigos selecionados passaram pela fase da pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Os gráficos abaixo representam a categorização realizada com os artigos selecionados para a pesquisa. No decorrer da escrita após releituras aprofundadas as categorias definidas foram: ano, Estado, séries, inclusão, papel do professor, práticas pedagógicas e educação infantil. Em relação aos artigos encontrados, podemos observar na Figura 2 a distribuição por estado.

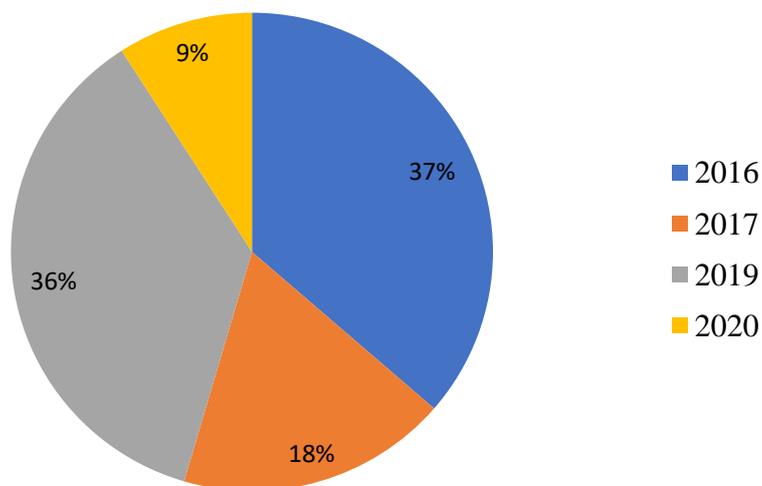
Figura 2 - Distribuição dos artigos avaliados por estado.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Ao analisar o gráfico podemos observar que o TDAH está presente em todas as regiões do Brasil e na maioria das escolas brasileiras, ou seja, a identificação desse transtorno dentro do ambiente escolar é recorrente. A Figura 3 demonstra a distribuição desses materiais em relação ao seu ano de publicação, com intervalo de 2016 a 2020.

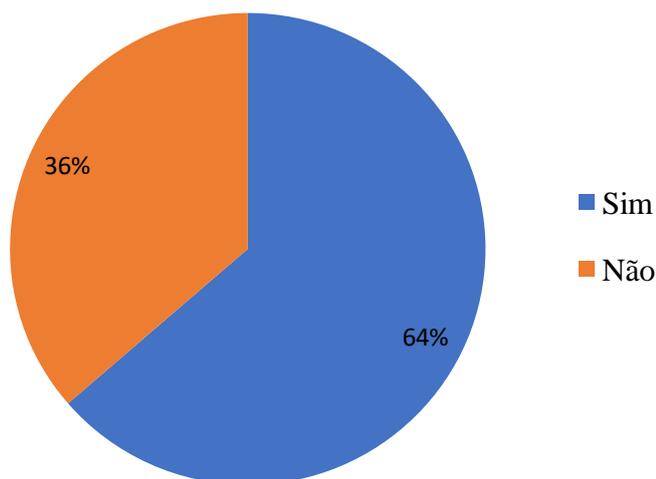
Figura 3 - Distribuição dos artigos avaliados por ano.



Fonte: elaborado pelas autoras.

Ao observar o gráfico podemos identificar que a predominância da publicação se concentrou nos anos de 2016 e 2019, responsáveis por 73% da literatura avaliada. Entre os outros anos a discrepância é menor, 2017 possui o dobro de publicações em relação a 2020. Em seguida, na Figura 4, observaremos a distribuição dos artigos relacionado ao tema de inclusão.

Figura 4 - Distribuição dos artigos avaliados por inclusão.

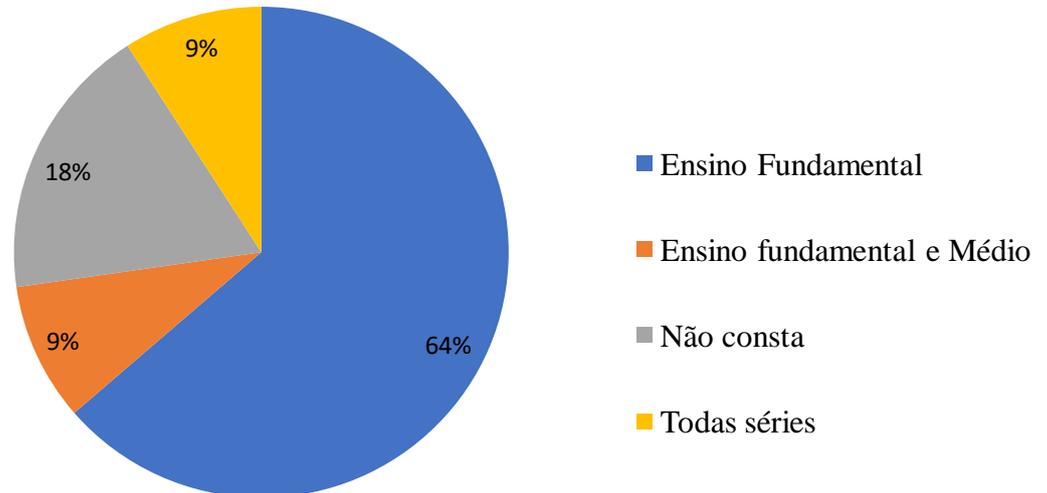


Fonte: elaborado pelas autoras.

Dentre os artigos escolhidos, observou-se que a maioria desses trabalhos abordam práticas e estratégias relacionadas ao tema inclusão no ambiente escolar, responsável por

64%. É possível compreender a importância da inclusão e das ações para colocá-la em prática através dos textos lidos. Por fim, na Figura 5 avaliou-se a distribuição dos artigos em relação ao período de ensino.

Figura 5 - Distribuição dos artigos avaliados por séries.



Fonte: elaborado pelas autoras.

O gráfico demonstra que o TDAH é identificado com mais facilidade na infância com predominância de 64% de estudos voltados ao Ensino Fundamental em relação as outras séries do ensino básico. Nos anos iniciais do ensino fundamental é mais comum observar e identificar distúrbios relacionados a aprendizagem.

3.1. INCLUSÃO

Ao analisar o currículo em que os alunos precisam estar incluídos é necessário ter como foco uma concepção de aprendizagem que tenha consciência desse sujeito, visto que o artigo 9º da Resolução CNE/CEB nº 4/2012 (BRASIL, 2012), estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica e afirma: “A escola de qualidade social adota como centralidade o estudante e a aprendizagem”. É necessário respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem, uma vez que é assegurado a todos alunos o “tratamento diferenciado sempre que a aprendizagem do aluno o exigir”, segundo o Parecer do CNE/CEB nº 7/2007 (BRASIL, 2007).

No Brasil, ainda há a necessidade de adequar as políticas públicas educacionais em prol da inclusão, as escolas regulares não garantem a efetividade da inclusão e nem uma educação de qualidade que atenda às necessidades dos alunos visando o acesso e a sua permanência. A inclusão de alunos com deficiências intelectuais e físicas nas escolas regulares é um assunto bastante discutido, tema recorrente de pesquisas e trabalhos da área. Alguns dos fatores que dificultam a inclusão escolar é a falta de formação adequada dos professores e profissionais da educação, material didático e estrutura física (FARIA *et al.*, 2021).

Segundo Nunes e Silva (2016, p. 2):

Os desafios educacionais não se limitam apenas às condições físicas das escolas, as condições precárias de muitos servidores inseridos no sistema, aos baixos salários dos docentes ou aos currículos e conteúdos muitas vezes defasados. A discussão está pautada sim, na elaboração de um modelo de políticas e práticas educacionais, voltadas para este século, que não configure a escola como um ambiente de educação excludente e sim como um local de inclusão, de ajuntamento e de respeito à diversidade.

A escola deve ser um ambiente acolhedor, inclusivo que respeite as diferenças de cada estudante e encontre maneiras de facilitar essa interação. Uma educação realmente inclusiva possibilita a inserção de estudantes com limitações, sejam elas físicas ou psicossociais, no ambiente escolar de forma que essa limitação seja reduzida (FERRAZI, 2020). A educação inclusiva traz para dentro da escola comum todas as pessoas, independentemente de suas individualidades e limitações. Diferente da educação especial, onde o atendimento é especializado e em instituições próprias.

Segundo Freire (2008, p. 5):

A inclusão é um movimento educacional, mas também social e político que vem defender o direito de todos os indivíduos participarem, de uma forma consciente e responsável, na sociedade de que fazem parte, e de serem aceites e respeitados naquilo que os diferencia dos outros. No contexto educacional, vem, também, defender o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem as suas potencialidades, bem como de apropriarem as competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, que foi talhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características.

O desenvolvimento de uma educação inclusiva impõe grandes mudanças organizacionais: na gestão da sala de aula, no currículo, sociais, histórico-culturais, tecnológicas e no processo de ensino, a fim de propiciar situações significativas de aprendizagem na qual os alunos participem de projetos coletivos, exercitem a autonomia e a

construção do conhecimento, levando em consideração as diversidades existentes, aprendendo a dialogar, interagir, debater e evoluir individualmente e coletivamente. O grande desafio da inclusão é transformar o ambiente escolar em um local que todos os estudantes tenham a oportunidade de aprender, sem distinções, em relação às suas particularidades. Dessa forma, é necessário que a escola seja flexível e se adapte às necessidades de seus alunos.

De acordo com Freire (2008, p.13): “paradoxalmente, a criação de uma educação inclusiva é entendida como um meio de difusão dos valores de justiça e equidade social, solidariedade, respeito e participação democrática”. Sendo assim, apenas as leis não asseguram o desenvolvimento da educação inclusiva. É necessário ações pedagógicas e condições físicas da escola para que o proposto nas leis se torne realidade.

3.2. PAPEL DO PROFESSOR

O professor é aquele que instrui e auxilia os estudantes durante o processo de aprendizagem. Ele deve ser criativo e afetuoso buscando sempre estratégias que despertem o interesse do aluno na aula e na atividade a ser realizada. É necessário que o professor trabalhe de forma diferenciada com o aluno que possui TDAH visando o seu pleno desenvolvimento. Normalmente o professor é o primeiro a identificar alguma dificuldade de aprendizagem ou distúrbio, pois ele está em contato com o aluno diariamente. Mas para chegar a um diagnóstico é necessário a criança realizar acompanhamento com os profissionais especializados: o psicopedagogo, psicólogo, psiquiatra, neuropsicólogo ou neurologista. Durante essa consulta será realizado um levantamento com o histórico familiar e uma entrevista com a criança e os pais (ABDA, 2017). Quanto mais precoce é o diagnóstico, mais eficaz é o tratamento.

Em relação a atuação do professor com os estudantes que possuem TDAH, o primeiro passo é reconhecer e diferenciar seu comportamento de outros ditos inadequados. As crianças com TDAH possuem “alterações na função executiva que envolve processos mentais de inibição de resposta, de autorregulação do comportamento” (SCHMITT; JUSTI, 2021, p. 2). É possível encontrar na literatura estudos que assinalam que em média 80% dos estudantes com TDAH possuem problemas de aprendizagem e/ou desempenho acadêmico, sendo considerado um fator de risco a ser observado em casos de mal desempenho escolar, uma vez que o estudante apresenta rendimento acadêmico e habilidades cognitivas inferiores ao esperado para determinada idade e escolaridade.

Os autores apontam que a “consciência fonológica, a memória de trabalho fonológica e a nomeação seriada rápida” [...] “são processos cognitivos e habilidades metalinguísticas importantes para a aprendizagem da leitura”. E acrescentam que a consciência fonológica cumpre um papel considerável na aprendizagem da leitura e da escrita e vice-versa, sendo assim há uma correlação entre o TDAH e o desenvolvimento da consciência fonológica que podem afetar algumas áreas do desenvolvimento cognitivo.

Segundo Gonçalves e Volk (2016, p. 223-224):

De modo geral, todo professor preferivelmente quer uma turma pequena, mas diante do contexto das salas de aula, atualmente essa possibilidade é quase impossível devido à superlotação. Sendo assim, o professor não tem como dar atenção, ou uma dedicação especial para com o aluno que se apresenta algum tipo de dificuldade de aprendizagem.

Na escola a criança é avaliada em relação às suas competências e possibilidades, evidenciando problemas de atenção e condutas inapropriadas, sintomas que perturbam os professores, principalmente quando as turmas são numerosas (LENZI; MARCHI 2017). No contexto de escola pública a situação mencionada pelas autoras acima é recorrente, as salas de aulas são lotadas e possuem apenas um professor, é possível observar e identificar dificuldades de aprendizagem dos alunos e intervir, entretanto, o professor não consegue auxiliar e dedicar-se aquela criança específica, pois as demais também demandam a sua atenção. Dessa forma, o professor precisa de práticas pedagógicas diferenciadas e poder contar com a ajuda da escola e dos pais da criança para ajudá-la da maneira correta.

O professor é fundamental no processo de aprendizagem e precisa ter seu espaço de atuação e saberes respeitados, pois ele tem uma função primordial a de proporcionar aulas de qualidade para o desenvolvimento de aprendizagens repletas de sentidos e significados não apenas para a escola, mas para a vida de seus alunos. Mesmo diante das dificuldades encontradas, por intermédio de uma abordagem lúdica, o professor possui alternativas para lidar com as dificuldades e superar o desinteresse e a desatenção desse aluno.

Portanto, é fundamental que esses professores tenham uma formação continuada para que consiga rever e repensar as práticas aplicadas, buscando sempre encontrar estratégias alternativas e novas práticas, se aperfeiçoando e compreendendo melhor os comportamentos de alunos que possuem dificuldades cognitivas para exercer com excelência o seu papel pedagógico e explorar os talentos de seus alunos (CARVALHO, 2004; MANTOAN, 2007; RAMOS; ACIOLI, 2020)

3.3. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Para lecionar a um estudante com TDAH a ludicidade pode ser considerada uma significativa ferramenta para superar as dificuldades, a desatenção e a falta de concentração desses alunos. As práticas pedagógicas a serem adotadas devem ser planejadas com antecedência, com objetivos claros, ser desafiadoras e apropriadas as necessidades de cada um, despertando maior interesse em participar e, principalmente, em aprender nos alunos. O acompanhamento do aluno com TDAH por meio do suporte dos professores nas práticas pedagógicas é indispensável para que os alunos se sintam incluídos no processo de ensino-aprendizagem (MOURA; SILVA, 2019).

Algumas práticas de ensino utilizam a disciplina de arte e os jogos para serem trabalhados com os alunos que possuem TDAH. Arte é uma forma de expressão, através dela o aluno consegue externar a sua imaginação, criatividade, ideias, pensamentos entre outros. Segundo Rocha e Lacerda (2019, p.33):

Compreende-se que a arte na educação pode ser usada como uma ferramenta no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Vem contribuir com um novo olhar de metodologia, procurando anular a concepção já formada de ser apenas um momento de distração, mas como elemento capaz de transformar o trabalho pedagógico quando bem aplicada. Ao falar de arte e educação, apresenta-se como disciplina escolar. Sendo trabalhada a fim de motivar a valorização da arte, e desenvolver talentos.

A arte pode ser trabalhada na reciclagem, transformando resíduos em matéria prima para a confecção de objetos, auxiliando na aprendizagem e contribuindo para o desenvolvimento da coordenação motora e artística das crianças. Os alunos com TDAH são criativos e espontâneos e normalmente não conseguem organizar seus pensamentos e alcançar todo seu potencial devido a desorganização mental e a hiperatividade. A prática pedagógica adotada pelo professor deve estimular a criatividade, evidenciando os talentos dos alunos (ROCHA; LACERDA, 2019).

Os jogos são uma maneira prazerosa de aprender brincando, utilizar essa ferramenta em benefício da aprendizagem dos alunos com TDAH contribui para o aprendizado, visto que o jogo prende a atenção e estimula o raciocínio rápido e lógico.

Segundo Torquato (2020, p. 13):

Entende-se o jogo educacional como um instrumento de aquisição de competências. Sob o ponto de vista da educação, cada vez mais pensando na aprendizagem do aluno, são reformuladas as metodologias de ensino para o desenvolvimento de aprendizagens, tornando-se a utilização do jogo educacional cada vez mais atuante no ambiente escolar. Os educadores veem a utilização dos jogos educacionais como um processo de aquisição de conhecimento, assim o aluno consegue aprender de maneira prazerosa.

Outro ponto importante dos jogos educacionais é que eles possuem regras a serem seguidas e os alunos com TDAH dificilmente seguem regras em suas casas e dentro da sala de aula devido ao seu comportamento impulsivo e agitado. Nos jogos, se o jogador não segue as regras, ele perde o jogo e logo após tem a opção de tentar novamente, isso é um ótimo exemplo para os alunos, ou seja, se ele estudar consegue boas notas nas provas e caso fique de recuperação terá uma nova oportunidade de refazer as avaliações. Os jogos são formas de interação onde são desenvolvidas atividades coletivas, individuais e contribui para a superação de desafios (TORQUATO, 2020).

A escola precisa oferecer uma organização para os alunos com TDAH, a fim de que eles não fiquem com janelas de tempo ociosos sem atividades para serem realizadas. Esse aluno se distrai com facilidade e precisa preencher seu tempo com atividades estimulantes, contando sempre com a observação e orientação do professor. É de suma importância que a escola ofereça um tratamento diferenciado para esses alunos, pois devido a esse transtorno surgem inúmeras dificuldades na sala de aula que podem prejudicar o processo de assimilação do conhecimento (MOURA; SILVA, 2019).

De acordo com Santos (2017, p.9):

A aprendizagem, por ser um processo complexo, interativo e contínuo, se constitui na relação do aluno com as situações reais nas quais está inserido. Assim, não faz sentido estudar e analisar quaisquer formas de avanço, retrocesso, fracasso, sucesso, deficiências, dificuldades ou transtornos relacionados à aprendizagem, sem considerar o ambiente em que está inserido e a história desse aluno.

Cada estudante traz consigo uma bagagem, ou seja, o que ele aprendeu em casa com seus pais ou responsáveis antes de ingressar na escola, como é a sua estrutura familiar e o ambiente em que ele está inserido, todos esses fatores influenciam no comportamento da criança e devem ser considerados.

Para Freitas e Baptista (2019, p.6):

A escola, diante da criança que não para, com muita frequência abdica de seu saber ou de sua possibilidade de investigar e ensinar, encaminhando o aluno para uma avaliação médica. Essas crianças inquietam seus professores por ocuparem o olhar

desses adultos a partir do movimento de seus corpos. Quando isso acontece, e o diagnóstico frequentemente nomeia esse aluno como hiperativo, o sujeito deixa de ser “o sapeca”, “o que não para”, “o que aprende tudo ao mesmo tempo”.

A escola e os professores precisam ter um conhecimento prévio sobre o TDAH para intervir a favor dos seus alunos, de acordo com Carvalho *et al.*, (2019, p.6) a base para um tratamento eficiente para o TDAH engloba a orientação da família e da escola, apoio de terapias especializadas e quando necessário o uso de medicamentos.

Lenzi e Marchi (2017, p.104) nos faz refletir sobre como a escola foi pensada e a dificuldade que esta estrutura tem para receber estudantes que não se enquadram em um modelo preconcebido:

[..]sendo a escola tradicionalmente caracterizada como lugar de controle e disciplinamento e ainda tendo, na atualidade, um caráter essencialmente disciplinador, baseado na autoridade (nesse caso, do adulto/professor sobre a criança/aluno), essa instituição tem dificuldades em lidar tanto com o comportamento autônomo, ativo, quanto agitado, desatento ou desobediente de uma criança e, por isso, a tendência é considerá-lo “desviante” ou “patológico” (como o caso do diagnóstico de TDAH).

As autoras descrevem a dificuldade dos profissionais da educação frente a alunos “desobedientes”, ou seja, fora do padrão que eles estão acostumados a lidar. Esses alunos não atingem as expectativas e não se encaixam na rotina escolar e nos padrões de comportamento esperados.

Diante desse contexto de diagnósticos e dificuldades, o professor encontra-se na linha de frente em busca de estratégias e alternativas que possam ser direcionadas as crianças com TDAH. Entretanto, existem vários casos em que o professor da educação infantil não possui qualificação profissional suficiente para elaborar práticas de ensino capazes de abranger e desenvolver um trabalho pedagógico coerente com esses alunos. A escola deve desempenhar o seu papel formador, proporcionando aos professores condições para trabalhar as diferenças, oferecendo formações continuadas de acordo com as necessidades pedagógicas da sua equipe. Através da formação continuada o professor aperfeiçoa o seus saberes, constrói e amplia suas possibilidades sendo capaz de distinguir as necessidades de cada aluno e adotar práticas específicas para cada caso (FLORÊNCIO 2020).

Segundo Mantoan (2006, p.57, *apud* GONÇALVES e VOLK 2016, p. 227):

A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino que, nessa perspectiva, devem

assegurar que sejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos.

A formação continuada proporciona ao professor refletir sobre suas ações, trocar experiências, buscar novas práticas de ensino e discutir sobre as problemáticas presentes ambiente escolar. Ao pensar sobre uma escola para todos cada vez mais é importante conhecer as necessidades e investir na formação continuada de professores e profissionais da educação visando profissionais qualificados e comprometidos com seu trabalho.

3.4. EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil é uma etapa muito importante da formação da criança, através dela são desenvolvidas suas capacidades e competências físicas, emocionais, sociais, motoras e cognitivas. Segundo Itaborahy e Caliman (2009; 2010, *apud* FREITAS e BAPTISTA, 2019 p. 794) “O conceito de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é considerado, em segmentos do meio acadêmico, como a forma de transtorno psiquiátrico mais comum na infância.” A maioria das crianças com TDAH são diagnosticadas na educação infantil e no ensino fundamental, porém, para algumas o diagnóstico é mais tardio, na adolescência ou quando adultas (NEUROSABER, 2021). O transtorno persiste até a idade adulta em torno de 60 a 70% dos casos. Sendo mais diagnosticado em meninos do que meninas, numa proporção de 3:1. (SENO, 2010).

Durante a infância a criança precisa de um acompanhamento mais próximo do professor para se adaptar a escola e a sua rotina, no decorrer desse processo o professor pode observar comportamentos inapropriados e outros sintomas do distúrbio. A equipe multidisciplinar é fundamental para intervenção nesses casos, se for necessário.

A Educação Infantil foi fixada como a primeira etapa da Educação Básica no Brasil, incluindo as crianças de 0 a 5 anos, assumindo uma visão de caráter pedagógico. De acordo com a LDB, lei nº 9.394/1996 a educação infantil deve ser oferecida em creches e pré-escolas gratuitamente, porém não é obrigatória. A partir dos 4 anos passa a ser obrigatória sendo responsabilidade dos Municípios (BRASIL, 1996).

De acordo com a lei o papel destinado a educação infantil é cuidar da criança em um espaço formal, contemplando a alimentação, a limpeza e o brincar. E também o papel de educar, seguindo o caráter lúdico das atividades, com ênfase no desenvolvimento integral da

criança. Não cabe a educação infantil alfabetizar a criança, nessa fase ela não possui maturidade neural suficiente, entretanto existem casos em que a alfabetização é espontânea. Essa etapa da educação possui o objetivo de desenvolver as capacidades em relações as interações sociais com adultos e outras crianças, de expressão, comunicação e de conhecer o próprio corpo.

De acordo com o artigo 205 da constituição Federal de 1988: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1988).

Dessa forma, podemos compreender a importância da educação infantil na vida das crianças pois, é onde elas começam a conviver com pessoas fora do seu ambiente familiar, o que envolve lidar com as diferenças, fazer descobertas, laços de amizade, desenvolver a sua personalidade e autonomia. Essa etapa escolar funciona como a base para as demais etapas da educação formal e o seu pleno desenvolvimento possibilita que as crianças cresçam com mais autonomia e obtenham sucesso na sua vida escolar e pessoal. A educação infantil é um direito da criança, sendo dever do estado disponibilizar espaços e profissionais adequados para atendê-la corretamente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstra a importância do papel do professor por intermédio dos autores estudados. Observa-se que a interação entre professor e aluno são fundamentais no processo ensino-aprendizagem. Na maioria dos casos, o professor é o primeiro a identificar os sintomas do TDAH. Essa identificação não pode ser superficial e baseada apenas em atitudes e comportamentos agitados. É preciso conhecer os sintomas e os meios de enfrentamento do distúrbio.

Após a triagem dos artigos, observa-se que o TDAH é comumente mais identificado no Ensino Fundamental quando comparado com as outras séries do ensino básico, sendo considerado um dos primeiros contatos da criança com o ambiente escolar. Assim, a primeira etapa após o professor identificar alguns desses sintomas é encaminhar esse aluno a um profissional especializado, no qual será realizado uma entrevista, diagnóstico e tratamento

adequado, englobando a família, a escola, terapia especializada e, se necessário, uso de medicamentos.

Para ter uma educação de qualidade inclusiva é necessário respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem, portanto, a escola deve ser um ambiente acolhedor e que respeite as diferenças de cada estudante e proporcione aprendizado, independentemente de suas limitações. Assim, é importante que o professor tenha em mente estratégias que desenvolvam a atenção e o interesse dessas crianças como, por exemplo, técnicas lúdicas de ensino, estimulando a sua imaginação, pensamento, ideias e criatividade.

Um exemplo é a utilização de jogos educacionais que conseguem ensinar conceitos teóricos brincando, sendo benéfico para estimular o raciocínio lógico e prender a atenção do aluno, embora pessoas com TDAH tenham dificuldade de seguir regras por possuir comportamento impulsivo e agitado, utilizando os jogos eles entendem que se não seguirem as regras perdem o jogo e posteriormente podem jogar novamente.

A arte estimula a reciclagem e a transformação de resíduos em matéria prima para a confecção de objetos, auxiliando na aprendizagem e no desenvolvimento artístico e da coordenação motora das crianças. Por serem alunos muito criativos e espontâneos, podem ter dificuldade em atingir o seu potencial devido a hiperatividade e desorganização mental, assim, seria interessante que o professor estimulasse a criatividade focando nos talentos dos alunos.

É importante ressaltar que alunos com TDAH precisam ter atividades constantes sem ter intervalos ociosos entre uma e outra atividade, portanto, é necessário que a escola tenha uma organização interna que ofereça esse suporte em conjunto com o professor, além disso, é indispensável que as atividades sejam estimulantes a esses alunos e que eles se sintam inclusos no processo de ensino-aprendizagem.

Como determinado por lei, no Brasil, é direito de todos os alunos terem uma educação que forneça o seu pleno desenvolvimento, preparando-o para o exercício da cidadania e o qualificando para o seu trabalho, independentemente de suas condições. A ideia de uma educação para todos traz o desejo de uma sociedade baseada na equidade, na igualdade, com qualidade de vida sem nenhum tipo de discriminação, que reconheça e valorize a diversidade como fundamento para a convivência social. Para que isso aconteça é necessário que os profissionais da educação sejam capazes de oferecer uma educação de qualidade que respeite as necessidades, limitações e interesses de cada aluno, ou seja, direcionar o ensino a cada necessidade específica.

Portanto, concluímos que o TDAH precisa da colaboração das partes envolvidas, incluindo a própria criança (ela faz parte do processo) os pais e a equipe multidisciplinar (psicólogo, professor, psicopedagogo, fonoaudiólogo, médico) e da combinação do trabalho de todos.

Diante do exposto, acreditamos que o presente estudo pode contribuir e gerar subsídios para o desenvolvimento de novos trabalhos no campo da educação, tendo em vista a inclusão educacional de indivíduos com TDAH.

5. REFERÊNCIAS

ABDA. Associação Brasileira do Déficit de Atenção. **O que é TDAH?** 2017. Disponível em: <https://tdah.org.br/sobre-tdah/o-que-e-tdah/>. Acesso em: 12 dez. 2020.

APA. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AZEVEDO, P. V. B.; CAIXETA, L. F.; MENDES, G. M. Estudos epidemiológicos em neuropsiquiatria infantil com ênfase no Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. **Revista Brasileira de Neurologia**, v. 45, n. 4, p. 35-40, 2009.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARKLEY, R. A. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH):** guia completo e autorizado para os pais, professores e profissionais da saúde. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BENCZIK, E. B. P. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade:** atualização diagnóstica e terapêutica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

BENCZIK, E. B. P.; CASELLA, E. B. Compreendendo o impacto do TDAH na dinâmica familiar e as possibilidades de intervenção. **Revista Psicopedagogia**, v. 32, n. 97, p. 93-103, 2015.

BRASIL. Art. 205 da Constituição Federal de 1988. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília-DF, 1988.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília-DF, 1996.

_____. Reexame do Parecer CNE/CEB nº 5/2007, que trata da consulta com base nas Leis nº 11.114/2005 e nº 11.274/2006, que se referem ao Ensino Fundamental de nove anos e à matrícula obrigatória de crianças de seis anos no Ensino Fundamental. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília-DF, 2007.

_____. Resolução CNE/CEB nº 4, de 6 de junho de 2012 - Dispõe sobre alteração na Resolução CNE/CEB nº 3/2008, definindo a nova versão do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio. **Diário Oficial da União**. Poder Executivo, Brasília-DF, 2012.

CARVALHO, R. E. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FACION, J. R. **Transtornos Invasivos de Desenvolvimento e Transtornos de Comportamento Disruptivo**. Curitiba: Editora IBPEX, 2005.

FARIA, A. V.; VIEIRA, E. A. O.; MARTINS, R. X. Educação Especial Inclusiva: uso de Recursos Educacionais Digitais nas Salas Multifuncionais. **Revista Educação Especial**, v. 34, p. 17-19, 2021.

FLORENCIO, Israelly Barbosa. **Educação Infantil e dificuldades de aprendizagem: a hiperatividade trabalhada por meio de estratégias de ensino**. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 25, 7 de julho de 2020.

FREIRE, S. Um olhar sobre a inclusão. **Revista da Educação**, v. 16, n. 1, p. 5-20, 2008.

MANTOAN, M. E. **Formação Continuada a distância de professores para o atendimento educacional especializado: Aspectos legais e orientações pedagógicas**. Brasília, 2007.

MARZOCCHI, G. M. **Crianças desatentas e hiperativas: o que pais, professores e terapeutas podem fazer por elas**. São Paulo: Paulinas, 2004.

NEUROSABER. **Estratégias pedagógicas para alunos com TDAH**. 2016. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/estrategias-pedagogicas-para-alunos-com-tdah>. Acesso em: 07 nov. 2020.

NEUROSABER. **Quais as características de uma pessoa com TDAH?** 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/quais-as-caracteristicas-de-uma-pessoa-com-tdah/>. Acesso em 03 jul. 2021.

ROTTA, N. T. Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar. *In: Rotta, N. T.; OHLWEILER, L.; RIESGO, R. S. Transtornos da Aprendizagem*. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCHMITT, J. C.; JUSTI, F. R. R. A Influência de Variáveis Cognitivas e do TDAH na Leitura de Crianças. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 37, 2021.

Seno M. P. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): o que os educadores sabem?**. *Rev. Psicopedagogia* 2010; p. 334-343

VIEIRA, E. A. O. Revisão sistemática. *In: MARTINS, R. X. (org.). Metodologia de pesquisa: orientações com ênfase na área de educação*. Lavras: UFLA, 2021.

6. REFERÊNCIAS DA REVISÃO

- CARVALHO, J. S.; DRUMOND, R. A.; NEGOCEKI, E. B.; JÚNIOR, J. N. L. Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH) e seus desafios no ambiente escolar: pesquisa de campo na EMEF Manoel Vieira Lessa, em Serra – ES. **Conhecimento em Destaque**, 2019.
- FERRAZI, G. D. **Inclusão Educacional de alunos com transtornos de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH):** Os desafios para o ensino da Geografia. Nova Venécia: IFES, 2019.
- FREITAS, C. R.; BAPTISTA, C. R. Mais rápidas que a escola: crianças referidas como hiperativas no contexto escolar. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 14, p. 791-806, 2019.
- GONÇALVES, J. P.; VOLK, M. Concepções das Professoras e Trabalho Educativo Voltado aos Alunos portadores de TDAH. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 17, n. 3, p. 220-231, 2016.
- LENZI, C. R. M.; MARCHI R. C. Condutas indesejadas na escola: uma análise sociológica sobre a criança com diagnóstico de TDAH. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 12, n. 32, 2017.
- MOURA, L. T.; SILVA, K. P. M. O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e as práticas pedagógicas em sala de aula. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, p. 216, 2019.
- NUNES, F. E.; SILVA, W. F. **Integração, inclusão e ressocialização: o que a educação tem a dizer.** Natal: III CONEDU, 2016.
- RAMOS, S. S.; ACIOLI, A. C. Aprendizagem do aluno com TDAH: reflexões sobre as práticas pedagógicas vivenciadas em uma escola municipal de Palmeiras dos Índios/AL. **Revista Educacional e (Trans)formação**, 2020.
- ROCHA, J. A. C. L.; LACERDA, O. L. Atendimento a alunos com TDAH através da arte. **Revista de Práticas Pedagógicas**, v. 3, n. 1, p. 33-41, 2019.
- SANTOS, W. M. **Intervenções em sala de aula voltada para estudantes com transtorno de déficit de atenção/hiperatividade – TDAH:** Efeitos sobre os repertórios característicos do transtorno. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.
- TORQUATO, L. C. B. **O uso de jogos educacionais em crianças com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH):** desafios da competência informacional. 2020. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.